



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

INDÍCIOS A RESPEITO DO PERFIL DOS INGRESSANTES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: ENTRE A MILITÂNCIA, A CIÊNCIA E A VIDA

Manoel Adir Kischener¹

* Everton Marcos Batistela²

Rivaldo Sergio de Lima³

Eixo Temático 2 - Docência e formação de professores

Introdução

A Educação do Campo (EC) como política pública incipiente é carente de análise. E a grande maioria das pesquisas na área tende a ressaltar aspectos de militância ou relatos de experiência, quase sempre sem crítica. Porém, os estudos nessa temática se alicerçados nas percepções dos próprios alunos (e com criticidade), poderão se constituir em força para *breçar* algum dos aspectos da já agravada incursão da modernização agrícola (que traz inúmeros benefícios aos agricultores, mas produz uma deterioração daquilo que era útil e educativo às famílias e que se passava de uma geração a outra), ou seja, a perda daqueles saberes identitários ligados ao fazer da vida no campo.

A Educação do Campo poderá ter papel essencial para a manutenção de jovens no campo, ainda mais, se com professores capacitados para trabalhar e entender esse espaço a partir das aspirações dos que lá vivem. Nesse sentido, quais os principais anseios dos ingressantes do Curso de EC da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus de Dois Vizinhos?

¹ Doutorando em História na UEM, ex-Professor no curso de Educação do Campo da UTFPR-Dois Vizinhos. manoelkischener@yahoo.com.br

² Doutor em Sociologia, Professor no curso de Educação do Campo da UTFPR-Dois Vizinhos. em.batistela@hotmail.com

³ Graduando em Educação do Campo na UTFPR-Dois Vizinhos. E-mail: rivaldosergio47@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

Objetivo

Objetiva-se analisar, a partir da análise do discurso, de forma incipiente, alguns apontamentos realizados por alunos do curso de EC de Dois Vizinhos, demonstrando suas percepções (anseios e inquietações).

Referencial teórico

A partir dos referenciais bibliográficos e da percepção de professor do curso do primeiro autor deste resumo, ouvinte dos anseios e inquietações dos ingressos deste, ampara-se na análise do discurso, as *falas* escritas destes alunos e na contribuição da obra de Martins (1993). O *estranho* (professores) que vê o estudante de Educação do Campo e como esse *estranha* os olhares sobre ele (sua percepção) poderão legar indícios para análise de como a formação das Licenciaturas em EC estão a se constituir.

Metodologia

Ampara-se em pesquisa dissertativa em sala de aula, com seis alunos do curso de Educação do Campo da UTFPR-Dois Vizinhos, de forma espontânea (mas todos optaram por se identificar), de como estes percebiam o próprio curso, apontando dificuldades, aspectos positivos e sugestões em relação a esse (para as citações, optou-se por preservar seu anonimato com nomes indígenas). A análise destas *falas* estará sob a influência da percepção que advoga Martins (1993) sobre os diferentes profissionais que adentram espaços em busca de pesquisa e como *estranham* estes e Kischener e Batistela (2017) a respeito dos professores de Educação Básica.

Análise de dados

O curso, no que se vivenciou, tem em pelo menos metade dos docentes inclinados ao materialismo histórico, como constata também um aluno: “(...) eu acho ótimo um curso baseado no materialismo. Foge bastante do convencional que os outros cursos oferecem” (Irani).



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

No entanto, a outra parte dos docentes, acredita-se, encontram no terreno da formação ampla ou aquela mais comprometida com a própria ideia de ciência, e ao olhar dos primeiros, descomprometidos com o próprio curso, “(...) até mesmo dentro do curso existe pessoas que são contra os movimentos dentro do curso” (Jaci), o que leva a uma série de desencontros e a impossibilidade de uma uniformidade de propósitos, mesmo nestes tempos em que se tem na *diversidade* um mantra, os alunos clamam a uniformidade. No entanto, a respeito dos professores *comprometidos* (no olhar da maioria dos alunos) ou militantes, em nossa percepção, vale a pena citar a percepção de Kischener e Batistela (2017), se

encontram-se próximos àquilo que se convencionou ser a esquerda cultural. Linha de pensamento predominante entre a maioria dos professores universitários, em especial das universidades públicas (...) Trata-se de uma geração que, em sua maioria, aderiu, ainda na faculdade, a uma visão genérica de “esquerda”, sem que isso significasse leitura, discussões e um aprendizado conceitual. Ou seja, passaram a se identificar com a esquerda muito mais em razão de aspectos morais como, por exemplo, a simpatia com o MST (Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra) ou com as “lutas sociais” (também sem definir nunca o que seria isso).

A maioria tem uma visão vaga e insuficiente de “progressismo”, o que, na realidade, caracteriza quase toda a esquerda brasileira, que lê pouco, estuda quase nada, não tem rigor conceitual com nada. Reflete, isso sim, uma postura moral que nasce de nossas históricas iniquidades.

Desta forma, como a sociedade é desigual, o que aparece empiricamente sob tantas formas, a pessoa se inclina por um lado levemente “anti-sistêmico”, se tornando assim, em decorrência, “progressista” ou “de esquerda”. Infelizmente, as posturas políticas no Brasil têm essas origens intelectualmente muito rasas, superficiais, o que provavelmente foi agravado pelo nosso catolicismo, que enfatiza o coletivo, o comunitarismo e, por isso, tacitamente demoniza o capitalismo (por definição individualista). Assim, ninguém se preocupa com qualquer definição, vale misturar tudo e não se exige qualquer rigor conceitual (KISCHENER, BATISTELA, 2017, p. 6522).

Entre o voluntarismo exacerbado dos *militantes* e o distanciamento excessivo (sob a pretensa áurea de se fazer ciência) dos *descomprometidos*, os alunos estão confusos, sem rumo. Mesmo os professores de educação básica, conforme o relato a seguir: “(...) eles não atuam de formas diferentes, apenas visam como um trabalho de sobrevivência” (Avaré), portanto, a ausência de identificação da proposta pedagógica do docente com a realidade que circunda a escola em que trabalha, o tal faz de conta, escolas de EC que nada tem dela. E mesmo dentro do curso, pois “(...) deveria ter um conhecimento das comunidades que os



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

alunos são oriundos. Desta forma os professores conseguiriam trabalhar melhor e entender um pouco melhor as dificuldades que os educandos tem dentro das suas comunidades” (Jaci).

Em relação a ausência de metodologia *comprometida* com a EC por assim dizer, é ilustrativo que os próprios alunos muitas vezes não têm essa fórmula, mesmo que logo serão professores e adentrarão as tais Escolas de EC: “Quanto aos métodos pedagógicos do curso não sei explicitar quais seriam os mais adequados” (Avaré), mesmo que, contraditoriamente um outro afirma isso: “(...) continuar neste curso significa para mim ter um futuro em um lugar que me identifico” (Iara).

A respeito do curso, muitos relatam certo preconceito por parte de outros setores e cursos da Universidade em relação ao deles: “Uma questão que percebo no curso, não comento muito é o ‘preconceito’ não seria bem essa palavra, desvalorização das pessoas que não vem dos movimentos ou alguma organização” (Endi). Ou também como informa esse outro relato: “(...) o preconceito que muitos ainda têm por ser um curso com vínculo com os movimentos sindicais e sociais, também por ser um curso pouco conhecido” (Iara).

Resultados alcançados (ou esperados)

Esta é uma análise preliminar e carece de mais dados, também não busca generalizar sobre os aspectos gerais do curso citado, e optou-se por mostrar algumas das *falas* dos alunos, mesmo na limitação que uma comunicação deste estilo impõe. Portanto, tratam-se mais de impressões preliminares que deverão ser apuradas com pesquisa maior.

Há entre os alunos do curso de EC anseios, sonhos e expectativas, às vezes aproximados e outros em sentido confuso pela ação dos próprios docentes e pelos dilemas que estes vivenciam na Universidade, sem reconhecimento por parte de outros, cursos ou seus próprios professores com perfil mais *acadêmico* diferentemente dos ditos engajados ou *militantes*.

Segundo Martins (1993), a *chegada do estranho* pode se dar das mais diferentes formas, em relação a ação de quem entra em contato, seja em pesquisa, seja em extensão, com aqueles ditos vulneráveis e, esta associação é possível com os alunos do curso de EC,



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

pois são *estranhos* à Universidade que, *os-estranha* (outros cursos) e mesmo os seus professores (uns os querem como militantes, outros como acadêmicos):

O estranho não é, entre nós, apenas o agente imediato do capital, como o empresário, o gerente e o capataz, mas também o jagunço, o policial, o militar. E, ainda, o funcionário governamental, o agrônomo, o missionário, o cientista social. Embora cada um trabalhe para um projeto distinto, raros são os que trabalham pela vítima dos processos de que são agentes. São, portanto, protagonistas da tragédia que aniquila os frágeis e que, por isso, nos fragiliza a todos, nos empobrece e nos mutila, porque preenche com a figura da vítima o lugar do cidadão. E nos priva, sobretudo, das possibilidades históricas de renovação e transformação da vida, criadas justamente pela exclusão e pelos procedimentos desnecessários da imensa maioria (MARTINS, 1993, p. 13).

De sonhadores de um mundo de possibilidades, *passam a ser vistos como vítimas* (e logo, poderão ser tutelados) e, isso os tem tirado o papel de condutores de seus destinos, cidadãos; ficam entre a militância, a ciência e a vida, sem rumo definido. Terão esta mesma percepção os demais professores do curso?

Palavras-chave: Educação do Campo, perfil dos alunos, Estranhos.

Referências

KISCHENER, M. A.; BATISTELA, E. M. O perfil de alunos e professores e a democracia na escola de educação básica: confidências perigosas encorajadas por Theodore Dalrymple. In: **XIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Curitiba, PUCPR, agosto de 2017, p. 6520-6534.

MARTINS, J. de S. **A chegada do estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993.